

# Clóvis Moura e o canto à aldeia<sup>1</sup>

Teresa Malatian<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo é baseado em um dos capítulos de Clóvis Moura: Uma Biografia (2022) e de sua intervenção na mesa “Clóvis Moura e a Historiografia” realizada no dia 22 de novembro de 2023 como parte do Seminário 20 Anos Sem Clóvis Moura ocorrido no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-UNICAMP).

**Palavras-chave:** Biografia. Clóvis Moura. Intelectuais. Literatura e Trajetória Intelectual.

**Abstract:** This article is based on one of the chapters of Clóvis Moura: A Biography (2022) and his intervention at the panel “Clóvis Moura and Historiography” held on November 22, 2023, as part of the Seminar 20 Years Without Clóvis Moura, which took place at the Institute of Philosophy and Human Sciences of the State University of Campinas (IFCH-UNICAMP).

**Keywords:** Biography. Clóvis Moura. Intellectuals. Literature and Intellectual Trajectory.

Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2003), personalidade rica em nuances, complexa, voltada para múltiplos interesses, tornou-se conhecido principalmente pelo consagrado livro *Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições e guerrilhas*. A consagração ofuscou outras

---

<sup>1</sup> Este artigo condensa aspectos do livro *Clóvis Moura, uma biografia*, publicado pela UESPI em 2022. Fica registrado o agradecimento à FAPESP que financiou o projeto de pesquisa “Clóvis Moura, das Rebeliões da Senzala ao Dicionário da Escravidão”, de nº. 2016-20111. Acesso livre em <https://editorialhistoria.unifesp.br/publicações>.

<sup>2</sup> Professora Titular Aposentada do Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais do Campus de Franca da Universidade Estadual Paulista (FCHS-UNESP). Professora voluntária do Programa de Pós-Graduação em História da UNESP e autora de *Clóvis Moura: uma biografia* (EdUESPI, 2022).

dimensões de sua obra de literato, poeta, historiador, sociólogo e jornalista de ampla repercussão e relevância, pautadas pelo engajamento político. A militância no PCB, no PC do B e no movimento negro manifestou-se por meio da palavra, de atividades acadêmicas e ações diversas que lhe conferiram consagração intelectual, personalidade distante da trajetória unidimensional, para além do mais corrente adjetivo de “historiador dos quilombos”. Clóvis passou de intelectual com escasso reconhecimento desde a publicação de seu polêmico *Rebeliões de Senzala*, em 1959, para o *status* de referência obrigatória para os estudos centrados na resistência negra ao cativeiro, manifesta em múltiplas ocasiões, inclusive pela participação em revoltas conduzidas contra a dominação colonial.

*Argila da Memória*, escrito autobiográfico, revela o poeta Clóvis Moura absorto em suas reminiscências da infância, ancoradas na cidade piauiense de Amarante, onde nasceu. Fragmentos da memória de um mundo distante são ali apresentados em um “canto à aldeia” na lira da melancolia e do desencanto. Como artesão do barro, fabricante de esculturas e objetos diversos, Moura trabalhou simbolicamente nos poemas a argila retirada das margens do rio Parnaíba e com ela construiu as figuras da família, dos companheiros, de personagens da cidade, suas lendas e seu cotidiano. Argila que não serviu apenas para a “cerâmica do encontro”, foi também “argamassa do exílio” em terras paulistas, que lhe permitiu visitar as lembranças de menino no “pedaço que foi seu berço e chão”. Era um flautista, a acordar memórias adormecidas, eis o autorretrato que repisaria anos depois em *Flauta de Argila*.

Era cidade sonolenta, sem heróis nem maravilhamentos, assim foi estabelecido pelo “arauto”. O cenário emoldurou o painel dos mortos afogados, dos mitos, das cobras, da urtiga, do cansaço, do mandacaru, do facheiro, do buritizal, do calor abrasador, do boi, do vaqueiro. Cidade que “vive de raiva”, sentenciou o poema *Desafio à Geografia*, e “agoniza mansamente” em sua sonolência rural.

Ali nasceu o pai, Francisco de Assis Moura e faleceu o avô paterno, Abdon Moura, patriarca mulato comerciante próspero que gostava de sentar-se em cadeira na calçada, acompanhado pela bengala de castão. *Cidade Matriz*, desprovida de “arquivos ou genealogias complicadas”, embora sua ancestralidade incluísse a ascendência de latifundiários donos de escravos, os Steiger da linhagem materna.

As reminiscências têm sempre sabor amargo, do sofrimento, da dor, da revolta do menino atingido pelo impaludismo. Pessimismo, humilhação, desencanto, tristeza, infâmia são as chaves de leitura, de significado jamais explicitado. Talvez o amigo afogado no rio Parnaíba, a pobreza ou o preconceito racial que recaía sobre o garoto, por destoar do irmão mais velho, de pele clara e olhos azuis. Movidos pela ausência de perspectivas, os jovens de Amarante partiam para as cidades grandes em busca de oportunidades de vida. Assim motivado, o menino frustrou o plano do pai de colocá-lo no abrigo do serviço público, seja empregado como fiscal do Imposto de Renda, seja na banca de advocacia. Em lugar disso, sonhador, Clóvis preferiu ser poeta, escritor, talvez por ser considerado “menino fraco”, de saúde frágil e inapto para grandes esforços físicos:

Meu pai queria que eu fosse  
fiscal do Imposto de Renda,  
advogado de banca,  
noturno membro society,  
menino de muitas prendas.  
Cheguei a tentar carreira.  
Mas o vento que me habita  
me impede e impossibilita  
de ser apenas suor.  
Quero mais: quero as estrelas,  
quero a sonata maior  
quero o crepúsculo e o espaço  
no bolso do paletó. (Definição) (MALATIAN, 2022, p. 22)

A ruptura com o mundo estreito de Amarante foi reviravolta considerável nos horizontes intelectuais do menino, resultado dos estudos que passou a fazer no Colégio Diocesano Santo Antônio, quando a família transferiu-se para Natal, no Rio Grande do Norte. A experiência marcou-o pelo contato com a disciplina escolar rigorosa praticada pelos padres maristas, acompanhada pela divulgação da visão de mundo católica, que na época, inspirada pela Guerra Civil Espanhola, tumultuava seus pensamentos. Recebeu também sua cota de formação anticomunista justificada pelos acontecimentos locais, pois a cidade viveu momentos dramáticos que se seguiram ao levante da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Ali iniciou os passos em direção ao cultivo das letras, interessado por História, poesia e literatura. Graças a essa produção, que manteve ao longo da vida, tornou-se conhecido como o poeta de sua cidade natal. A construção da identidade negra e contestadora viria com o tempo, no contato com intelectuais de Salvador.

A identidade piauiense seria solidificada pelas inserções em sociabilidades de intelectuais do seu Estado. Reconhecido como um dos seus, recebeu honrarias e (re)publicação de obras. Tais vínculos são pouquíssimos estudados tal o peso avassalador do “historiador dos quilombos”, que suplantou quaisquer aberturas interpretativas de sua vida e obra em outra chave de leitura que não aquela tributária de *Rebeliões da Senzala*.

Compartimentos estanques encapsulam a obra poética e a histórico-sociológica. Na primeira, a identidade nordestina, na segunda a identidade negra. Estilos e temas não se misturam, o lirismo permanece no universo poético onde o negro está quase ausente, enquanto a linguagem panfletária e militante caracteriza as obras do cientista social em sua missão de denúncia do preconceito, da escravidão e do capitalismo.

Foi em Salvador, nos anos 1940, que a atuação intelectual de Clóvis Moura desabrochou e ganhou uma dinâmica ligada às conexões políticas. Residiu na capital baiana em 1941, por pouco tempo, mas o suficiente para que o rapazola de 16 anos de idade estabelecesse

contatos com jovens intelectuais de esquerda: os irmãos Epaminondas e Vivaldo da Costa Lima, Clóvis Amorim e Isaías Paim. Agregou-se ao grupo que costumava se reunir na Feira do Recôncavo, onde aos sábados eram comercializados produtos regionais, atrás da Igreja do Bonfim. Segundo depoimento de Vivaldo da Costa Lima concedido a Fábio N. Oliveira (OLIVEIRA, 2009), levavam uma vida um pouco boêmia, que deixaria suas marcas na sociabilidade que Moura cultivou. Incluía a frequência aos cafés e às livrarias, pontos de encontro e discussões sobre política, artes e literatura para soteropolitanos.

Seu pai aguardava nomeação para cargo de fiscal de rendas no serviço público. Resolvida a situação, a vida em família levou o jovem Clóvis a outras paragens, desta vez para Juazeiro, no interior da Bahia, em 1942. Na época, a pequena cidade às margens do rio São Francisco contava com cerca de trinta mil habitantes, distribuídos em ruas sem calçamento. Novamente a presença do rio acrescentava-lhe mistérios de navios afundados, tragédias de meninos afogados e notícias de terras distantes, visitadas pelos vapores e pelas protetoras carrancas propiciatórias, instaladas nas proas das embarcações que deslizavam nas águas do Velho Chico. Em frente, do outro lado do rio, a pernambucana Petrolina, cidade gêmea, embora de menor dimensão, fazia parte da paisagem. Juazeiro havia desempenhado papel especial no desenrolar da repressão ao arraial de Antônio Conselheiro em Canudos e esse episódio permaneceria latente ao longo da vida de Clóvis Moura, motivando diversos textos sobre Euclides da Cunha.

A mudança de residência não rompeu os vínculos de Clóvis com os intelectuais de Salvador, antes os intensificou mediante correspondência, atividade literária e política além de viagens ocasionais de 500 quilômetros de distância entre a capital e a pequena cidade situada no extremo norte da Bahia. Foi por essa época que ocorreu sua aproximação do Partido Comunista do Brasil (PCB), na conjuntura do pós-Guerra, quando o partido conseguiu existir legalmente e alcançou grande popularidade, na qual Luís Carlos Prestes sobressaía como liderança. O fim do Estado Novo alimentava entusiásticas esperanças de novos

rumos entre os adeptos do partido e faziam-se presentes na produção intelectual, polarizando o cenário político entre os comunistas, considerados progressistas, e os demais, classificados como fascistas.

Com essa dimensão de futuro, os contatos estabelecidos por Moura em Salvador com intelectuais vinculados ou simpatizantes ao PCB abriram as portas para a publicação de artigos e poesias, ou seja, ele principiou a ter acesso ao mundo jornalístico e às páginas de revistas de cultura onde o PCB tinha influência. Estabeleceu contato com a revista *Literatura*, fundada e dirigida por Astrojildo Pereira, que contava em seu conselho editorial com Álvaro Moreira, Aníbal Machado, Arthur Ramos, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, Orígenes Lessa e Jorge Amado. A linha editorial contemplava debates culturais e literários e abrigou escritores de diversas tendências.

Clóvis encaminhou a essa revista, provavelmente em 1946, proposta de publicação do poema engajado *Sangue e manhã nas ruas*, no qual expressava sua admiração pelo poeta espanhol Garcia Lorca. Porém o poema laudatório do herói da Guerra Civil Espanhola assassinado havia uma década não foi aceito pelo diretor da revista, Astrojildo Pereira. Faltava ainda ao autor consagração que legitimasse sua pretensão na concorrida busca de reconhecimento como intelectual do partido.

Desde abril de 1945 circulava em Salvador o semanário *O Momento*, organizado pelo Comitê Regional do PCB, dirigido por Alberto Passos Guimarães, Aristeu Nogueira, João Batista de Lima e João Falcão. Seus objetivos explícitos consistiam na luta antifascista, além da convocação de uma Assembleia Constituinte. Os elos construídos por Clóvis Moura com intelectuais reunidos em torno do jornal foram significativos. Incluía Luiz Henrique Dias Tavares (que se tornaria historiador de prestígio, vinculado à Academia de Letras da Bahia), Alberto Passos Guimarães e Jorge Amado. Desses contatos resultou a candidatura fracassada de Moura a deputado estadual. Uma nota do jornal traz luz sobre esse episódio, com o apelo *Reconquistemos a cadeira*

*de Giocondo Dias!*, guarnecido com uma foto do candidato, uma das raras dessa época de sua vida<sup>3</sup>:

A candidatura Clóvis Moura mobiliza em torno dela todas as forças populares do Estado. Trata-se de reconquistar para os patriotas e democratas a cadeira de Giocondo Dias, o heroico dirigente da insurreição nacional libertadora de Natal de 1935, organizador do primeiro governo popular revolucionário do Brasil, líder querido das massas trabalhadoras da Bahia. A cadeira de Giocondo Dias foi roubada pelos serviçais do imperialismo ianque em 1948. Reconquistemo-la agora, levando à Assembleia Legislativa o lutador anti-imperialista Clóvis Moura.

Nestes poucos dias que nos restam, lancemo-nos com o máximo de entusiasmo e iniciativa à campanha pela eleição de Clóvis Moura. Façamos uma propaganda que atinja vigorosamente todas as empresas e bairros, que abale todas as camadas oprimidas da população. Mas, acima de tudo, façamos vitoriosa a batalha da cédula. Incansavelmente distribuamos as cédulas de Clóvis Moura nos comícios, nas fábricas, nas fazendas e feiras, nas escolas e escritórios, sobretudo através dos comandos de casa em casa. (O MOMENTO, 1951)

A memória dessa candidatura, embora fragmentada e plena de incertezas, é sintomática do envolvimento político de Moura e da adesão ao marxismo, que veio crescentemente se consolidar no pensamento do poeta de Juazeiro. Além das poesias e da política partidária, Moura já se direcionava também para outros interesses e desenvolvia estudos preliminares sobre a presença do negro no sertão do São Francisco.

---

<sup>3</sup> Reconquistemos a cadeira de Giocondo Dias!. *O Momento*, Salvador, 1951.

**Imagem 1** – Recorte do jornal *O Momento*, de Salvador, com a notícia da candidatura de Clóvis Moura à Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, em 1947. Arquivo CEDEM.



Moura começou a transitar durante os anos de juventude pelos estudos de cultura, Sociologia e História do negro, influenciado pelos intelectuais da capital baiana e pelo contexto de descoberta e valorização da cultura trazida pelos escravizados da África. As grandes referências nesses primeiros passos foram Nina Rodrigues e os autores ligados à Antropologia cultural, sobretudo Arthur Ramos e Edison Carneiro, que se tornariam presença constante em seus textos.

Nas décadas de 1930 e 1940 a situação do negro no Brasil deu origem a movimentos sociais, estudos antropológicos e históricos, bem como produção literária relevantes, com destaque para manifestações de religiosidade. Em suas reminiscências, Darwin Brandão registrou o encantamento que elas produziam na cidade de Salvador:

As festas dos candomblés são a poesia das noites baianas. Os atabaques, agogôs, cabaças e adjás, num ritmo bárbaro e nostálgico, chamam o povo para participar das grandes festas dos negros. E esse chamado, verdadeiramente amoroso, é atendido por uma sôfrega multidão que ruma para os “terreiros” da cidade, na evocação sincera dos seus orixás (BRANDÃO. MOTA; SILVA, 1958, p. 55).

Nessa época os estudos antropológicos submeteram à crítica a obra *Os africanos no Brasil* (1932) do médico baiano Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), que afirmava serem irredutíveis, mesmo insuperáveis as diferenças entre culturas superiores e inferiores em uma sociedade onde coexistiriam diferentes estágios evolutivos. A adesão ao racismo científico, que pretendia validar a suposta superioridade racial branca, não o impediu de defender a urgência do estudo da cultura dos negros, pois acreditava estar próximo seu desaparecimento.

Seu discípulo Arthur Ramos (1903-1949) desenvolvia novas interpretações não deterministas baseadas no conceito de aculturação. Desde a publicação de sua obra *O negro brasileiro* (1934) dedicou-se ao chamado problema negro, interpretando-o no âmbito da defasagem

cultural que estaria presente nas “classes atrasadas”. Neste texto des- pontou também uma perspectiva de análise a partir do conflito social, quando abordou as revoltas de escravizados, em especial as dos malês na Bahia no século XIX.

Clóvis Moura, embora leitor de Nina Rodrigues e Arthur Ramos, não deixou esquecido o materialismo histórico desde suas primeiras reflexões sobre o tema. Suas pesquisas aos poucos passaram de uma postura híbrida da Antropologia cultural com o materialismo histórico para uma predominância deste referente. A partir deles o seu projeto pioneiro nos anos 1940, pois foi durante o período de residência em Juazeiro iniciou a pesquisa sobre a cultura negra e a “situação racial” na região do vale do rio São Francisco. Para enfrentar o desafio de uma pesquisa de campo, passou a buscar apoio entre intelectuais acadêmi- cos e com eles estabeleceu intercâmbio epistolar para obter indicações de leituras, textos publicados e orientações informais sobre os rumos que deveria seguir na coleta e interpretação de dados. O referencial macro já estava, porém, delineado pelo materialismo histórico, pe- los conceitos de modo de produção e luta de classes. Sua hipótese de trabalho incidia sobre a influência da cultura negra na região do São Francisco, negligenciada pelos pesquisadores que centravam o foco das análises na presença do negro na orla litorânea do Nordeste, onde a economia voltada para a grande produção açucareira a requisitara preferencialmente.

Em 1946 Moura elaborou suas notas preliminares sobre “*O Negro contra o Branco*” e “*O Negro na sociedade brasileira*”. Em seu estudo inaugural do tema, *O negro contra o branco (contribuição para o estudo do choque entre as duas culturas)*<sup>4</sup>, a análise foi construída a partir do concei- to de conflito, analisado nas diferenças culturais presentes nas revol- tas. Abriu espaço para a luta de classes como chave interpretativa ao enfatizar a dicotomia senhor versus escravo, que estaria acima do fator religioso na determinação dos movimentos de rebeldia. Logo depois,

---

<sup>4</sup> Texto datilografado, datado de 1946, CEDEM.

em 1948, organizou um plano de pesquisa onde mesclou os fatores culturais, principalmente o religioso, aos de classe, do oprimido contra o opressor, e destacou nessas revoltas os “choques de cor e de classe”, que se tornariam o tema principal de toda sua obra.

As *Notas sobre a aculturação negra no Brasil*<sup>5</sup> constituem o embrião daquele que se tornaria seu grande projeto de pesquisa. Na época, o cerne do projeto híbrido moureano consistia no estudo do “processo de aculturação no Brasil” ocorrido no contexto da “aparição do capitalismo”, quando as culturas negras trazidas pelos escravizados entraram em contato com as culturas “aborígene” e lusa, em uma sociedade organizada pelo latifúndio e pelo trabalho escravo. O artigo publicado na *Revista Brasiliense* com o título de *Nota sobre o negro no sertão* seria republicado, com acréscimos, na segunda edição de *Rebeliões da Senzala*.

Carta recebida de Caio Prado revela orientação do autor de *História Econômica do Brasil* apresentada a Moura para a realização de seus estudos nessa época:

(...) não faltam à sua volta assuntos do maior interesse em que não somente V. se sentiria à vontade, como ainda estaria em condições de trazer contribuição apreciável para as nossas letras. Sua situação é no coração de uma das mais características regiões brasileiras, aliás duplamente interessante: como sertão, e como ribeirinha de uma das grandes artérias históricas do Brasil. O que mais V. quer?

Segundo a concepção de Caio Prado, o estudo de Moura deveria ser descritivo, narrativo, baseado em entrevistas de moradores, consulta a arquivos locais e sobretudo observação direta da região. No caso de a análise pender para a história, uma das possibilidades aventadas,

---

<sup>5</sup> Todos os textos mencionados como embrionários, inclusive os estudos preliminares, são originais datilografados e manuscritos, Cx 23, pasta 1, Fundo Clóvis Moura, CEDEM.

forneceu orientação precisa no sentido da construção de uma narrativa que descrevesse a sociedade local em perspectiva temporal:

Basta-lhe pegar da pena e contar com toda a simplicidade o que V. observa à sua volta, e estará fornecendo a todos quantos se interessam pelas coisas brasileiras, informações preciosas. Se o assunto escolhido for a história, consulte as tradições locais, conversando com velhos moradores: eles sempre têm algo de interessante para contar; é possível também que existam por aí velhos arquivos, públicos ou privados: para quem sabe manuseá-los, e o faz com interesse, a riqueza que encerram é inesgotável. (...)

Mas se em vez de história V. prefere economia e sociologia, não haverá limites para seu trabalho. Observe como trabalha e vive a população local; como se dividem as propriedades rurais; como se exercem nelas as atividades, como se estabelecem as relações entre empregados e patrões. Estude a vida urbana e suas atividades econômicas, sociais. Enfim, não sei onde terminaria essa enumeração que é infindável.

Para finalizar, a carta de março de 1949 trouxe importante apelo à militância comunista, da qual Moura foi aconselhado a jamais se distanciar em sua produção intelectual. Entre camaradas, os conselhos de Caio Prado reforçaram a necessidade de uma ciência engajada e comprometida com o combate à exploração.

*Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições e guerrilhas*, o primeiro livro publicado por Clóvis Moura, em 1959, pela Editora Fulgor, constitui um marco em sua trajetória intelectual pois trazia além do tom marcadamente militante do materialismo histórico expresso em linguagem envolvente, a novidade do tratamento privilegiado do tema da resistência negra à escravidão. A obra focalizou rebeliões de diversas naturezas, com destaque para aquelas ocorridas na Bahia e na apresentação propunha resgatar a “dimensão épica” da história dos

escravos até 1888 em uma síntese dos estudos sobre o negro que havia feito anteriormente, desde a década de 1940. Diálogos historiográficos foram estabelecidos no processo de reflexão de que resultou a obra, na qual enfatizou a estrutura da sociedade colonial e a dicotomia entre senhores e escravos como o principal antagonismo.

O livro foi publicado alguns anos após seu deslocamento para São Paulo em 1950, cidade grande e inóspita, onde sentira dificuldades para viver e exercer o ofício de escritor. O relato ao amigo Arimathéa em primeiro de dezembro de 1955 é sugestivo:

Isto aqui, meu caro, é um verdadeiro demolidor de personalidades. Muitas vezes, mesmo com todas as limitações que os intelectuais daí enfrentam chego a invejá-los. Aqui não há mais possibilidades de um mínimo de autenticidade. Não sei se você já reparou na dramaticidade dolorosa dos meus poemas que abordam a realidade paulistana. Não há possibilidades para o otimismo. O estereótipo, o clichê, a repetição são promovidos a regra geral de julgamento.

No entanto, em São Paulo, onde passou a maior parte da sua vida, Clóvis Moura definiu-se “homem de imprensa”. Em jornais e revistas divulgou poesias, resultados de pesquisas e reflexões sobre a sociedade brasileira, sua História e suas perspectivas. Atuar simultaneamente na imprensa e na escrita de livros foi estratégia que lhe garantiu a sobrevivência material, graças à inserção profissional como secretário de redação ou redator em jornais onde permanecia no anonimato, mas criava laços que contribuíam para o fortalecimento de redes amplas. Atuou na Frente Cultural do PCB, liderada por Caio Prado, Villanova Artigas e Arthur Neves. Passou a trabalhar como redator do jornal Última Hora, fundado e dirigido por Samuel Wainer, onde permaneceu até 1958. Paralelamente, desempenhou até 1955 o posto de secretário de redação de *Fundamentos*, revista cultural fundada por Monteiro Lobato e publicada trimestralmente pelo PCB em São Paulo de 1948 a

1955, por Armênio Guedes, Villanova Artigas e Caio Prado. Em 1951 fundou a revista *Flama* em Araraquara, que teve curta existência; foi redator e chefe de reportagem do jornal oficial do PCB, *Notícias de Hoje*. Em 1958, passou a publicar artigos na *Revista Brasiliense*.

Na década de 1980 uma grande transformação no mercado editorial provocou uma guinada na produção autoral de Clóvis Moura, que passou a investir na escrita de livros paradidáticos por meio de sua empresa de pesquisa e assessoria. Tornou-se ainda mais conhecido e consagrado como o “historiador dos quilombos”, em parte devido à aceitação dessas obras pelo público estudantil e pelo movimento negro. Por meio dos títulos publicados pelas editoras paulistas Brasiliense, Ática e Global tornou-se também professor, conforme anunciado nos volumes por elas publicados: *Quilombos e a rebelião negra*; *Brasil: raízes do protesto negro*; *Quilombos: resistência ao escravismo*; *História do Negro Brasileiro* e *Sociologia do Negro Brasileiro*,

A grande expansão do ensino, especialmente na educação superior, com a criação de cursos e faculdades públicas e privadas, proporcionava crescimento do filão de leitores potenciais, tanto de estudantes quanto de professores, que as editoras passaram a disputar. Surgiram então os livros paradidáticos, que em sua linguagem atraente e simplificada, atualidade temática e função complementar ou subsidiária aos programas de ensino universitário, encontraram inúmeros compradores entre os estudantes de graduação e seus professores. Não se tratava de manuais tradicionais, mas traziam resultados de pesquisa acadêmica, além de serem portadores de uma didática que se pretendia renovada, e auxiliariam os docentes por desenvolverem temas de seus programas de ensino. A linguagem empregada foi recurso fundamental para atrair o público leitor, dada sua fácil assimilação por professores e alunos, podendo mesmo tender ao literário.

O contexto da redemocratização motivou debates que levaram à instalação da Assembleia Nacional Constituinte e à promulgação da Constituição Federal de 1988; teve impacto significativo sobre o ensino de História com a inclusão de temas relacionados ao negro. Entre as

importantes disposições do texto constitucional, destacam-se aquelas referentes a políticas de inclusão que garantiam direitos a populações minoritárias, especialmente quilombolas e indígenas, como resultado da atuação de movimentos sociais fortalecidos com a configuração política favorável aos debates. A criminalização do racismo evidenciava a atuação incisiva do movimento negro, que havia empreendido revisão historiográfica por meio da recusa da interpretação da Abolição como ato de outorga proporcionado pela Lei de 13 de maio de 1888, assinada pela Princesa Isabel, interpretação substituída por um enfoque que valorizava as lutas dos escravizados no processo. Nesse contexto de disputas político-historiográficas, foi estabelecido o dia 20 de novembro como o dia da libertação, o Dia Nacional da Consciência Negra, associado à heroização de Zumbi dos Palmares. A defesa da igualdade racial impactaria programas escolares e a produção de materiais didáticos e paradidáticos com a inclusão de novos paradigmas. Seria consolidada posteriormente com a lei n.º 10.639 de 2003, que estabeleceu a obrigatoriedade do estudo de temas da cultura e da história africanas e afro-brasileiras nas disciplinas do ensino fundamental e médio, sobretudo as de História, Literatura e Artes.

A primeira experiência de Clóvis Moura com esse tipo de produção aconteceu na editora Brasiliense, com a publicação de *Os Quilombos e a Rebelião Negra* em 1981. A obra recebeu oito reedições até 1994, evidência inegável de sucesso editorial. Nessa coleção publicaram muitos professores universitários e entre eles Moura foi incluído. Começava a construir nova identidade, graças aos vínculos estabelecidos com meios acadêmicos por onde circulava, em São Paulo, Campinas, Salvador e Piauí. No embalo da terceira edição de *Rebeliões da Senzala*, alcançara maior visibilidade afinada com o crescimento do movimento negro. Em 1980 propôs à editora Global a publicação de *Brasil: raízes do protesto negro*, publicado em 1983.

Foi também convidado pela editora Ática para escrever obras paradidáticas. Fundada em 1964, logo essa casa editorial tornou-se a maior editora de livros didáticos além de outros produtos do nicho

de educativos e suas transações comerciais incluíram a exportação de livros para Venezuela, Nigéria, Senegal e outros países da África de língua portuguesa, sem contar Portugal. Organizou as séries de títulos de paradidáticos Fundamentos e Princípios, que iriam contribuir para a divulgação da produção acadêmica inacessível ao grande público, em versão simplificada ou didatizada.

O primeiro contrato assinado por Moura com a Ática e devidamente registrado em cartório 16 de maio de 1986 destinava-se a viabilizar a publicação de *Quilombos - uma forma de resistência ao escravismo*, título posteriormente alterado para *Quilombos - resistência ao escravismo*. Sua primeira edição saiu logo no ano seguinte, em 1987, na coleção Princípios, seguida de reedições em 1989 e 1993. Em 1988 publicou *Sociologia do Negro Brasileiro* e no ano seguinte, *História do Negro Brasileiro*. As reedições dessas obras evidenciam o sucesso de Moura como autor nas décadas de 1980-1990, no bojo das comemorações do Centenário da Abolição. Sua prática jornalística cotidiana não seria estranha a esse sucesso por inspirar-lhe veredas textuais diretas e objetivas, com boa dose de apelos bem direcionados, como a explicitação de episódios de violência contra os escravizados, detalhadamente descritos. Ação, reação, sofrimento estavam presentes em suas páginas transmissoras de discurso mobilizador para a militância do movimento negro, na medida em que exaltava o protagonismo negro na História.

Nos livros da série Princípios a apresentação do autor afirmava sua identidade de “sociólogo, jornalista e professor do Ensino Superior de São Paulo”, além de ser “um dos principais estudiosos da cultura e dos movimentos negros no Brasil”, informação comprovada pela lista de obras já publicadas por ele, com destaque para *Rebeliões da Senzala*. Tal estratégia de apresentação ressaltava sua proximidade do ensino superior, que aparecia como credencial perante o público de estudantes universitários e professores. Correspondia também ao título de doutor com notório saber concedido pela Universidade de São Paulo (USP) em 1982, resultado da proposta vitoriosa apresentada pelo professor João Baptista Borges Pereira.

Em suma, percebe-se pela atividade editorial que o mercado respondia positivamente às atividades do movimento negro, o qual sugeria temáticas novas, bem como às mudanças ocorridas nas propostas de educação básica e no campo historiográfico. O contexto da redemocratização em torno da Constituinte ensejou grande liberdade do ponto de vista das concepções políticas presentes nas obras paradigmáticas, uma vez que as editoras, ao se verem livres da censura, abriram espaços para pluralidade de abordagens, de que Clóvis Moura beneficiou-se. O Centenário da Abolição foi igualmente propício à publicação de textos correlatos, em diversas interpretações.

Seus livros paradigmáticos contribuíram para o espriamento de uma visão da História do negro no Brasil, cujo epicentro situava-se na resistência à escravidão, bem como na denúncia de sua exclusão persistente na época contemporânea. Na impossibilidade de mensuração quantitativa, pode-se, no entanto, dizer que suas obras alimentaram a militância do movimento negro e ofereceram respostas afinadas com suas pautas. Entre elas, o projeto de lei elaborado pelo deputado federal Abdias Nascimento em 1983, que propunha ação compensatória para o afro-brasileiro, devida em decorrência da multissecular discriminação. Entre outros pontos, o projeto de lei embora não vitorioso na época, propunha também a incorporação da imagem positiva da família afro-brasileira ao sistema de ensino, à literatura didática e paradigmática, além da introdução da História das civilizações africanas e do africano no Brasil. Outros passos importantes convergiram para o decreto do governo brasileiro de 1984 reconhecendo como patrimônio histórico a Serra da Barriga, onde situou-se o Quilombo dos Palmares; decorridos mais quatro anos, foi criada a Fundação Cultural Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura.

Fator relevante e de grande influência para o ensino de História foram as alterações curriculares destinadas ao ensino de primeiro e segundo graus tanto a nível nacional quanto estadual, promovidas na década de 1980. No Estado de São Paulo a aprovação de novas propostas curriculares implicou em inflamadas discussões públicas sobre a

História a ser ensinada. Novos temas e novos documentos passaram a ser valorizados no movimento de renovação da Historiografia e a proposta de ensino temático emergiu com muita força como alternativa ao ensino de primeiro e segundo graus até então baseado na visão processual e na sequência cronológica de períodos tradicionalmente estabelecidos. A proposta curricular aprovada em 1986 respondia a essas diretrizes e permitiu que temas antes ignorados ou considerados marginais passassem a ocupar lugar privilegiado na Historiografia, como as lutas e resistências ocorridas no âmbito dos mundos do trabalho. Não é difícil associar as propostas inovadoras à dinâmica dos movimentos sociais que emergiam em diversas frentes de luta, entre eles o movimento negro, e que faziam do reconhecimento da diversidade social sua bandeira.

Os livros publicados por Moura no período responderam positivamente a essa conjuntura educacional. Sua abordagem da História sob a ótica do materialismo histórico não pareceu constituir entrave à sua difusão nas escolas e universidades, ainda que uma renovação no campo marxista estivesse em andamento com os aportes da Historiografia social inglesa, sobretudo de E. P. Thompson e E. Hobsbawm em seus estudos sobre os mundos do trabalho. Por seu lado, as universidades, tendo na formação de professores para a educação básica um de seus direcionamentos, integraram-se a esse movimento por meio de docentes que passaram a escrever os livros paradidáticos e didáticos, o que acabou por constituir um vínculo entre os diversos níveis da educação no país. O professor da educação básica seria o elo de transmissão desse conhecimento, seja pela implementação de programas de ensino, seja pelo uso de publicações específicas em sala de aula.

As obras paradidáticas de Clóvis Moura foram relevantes para a consolidação da memória do quilombo de Palmares e do seu líder Zumbi, que resultou na instituição da data de 20 de novembro comemorativa da Consciência Negra, a partir de demandas do movimento negro. Uma abordagem do percurso historiográfico permite compreender a rede referencial que ele estabeleceu nessas obras e iria ampliar

posteriormente. Suas pesquisas sobre o tema não parecem ter avançado muito além da consulta a fontes documentais manuscritas transcritas por revistas de institutos históricos, por arquivos e pela historiografia específica, como reconheceu explicitamente. No entanto, o que importa aqui é ressaltar as conexões historiográficas que estabeleceu para a construção dessa memória histórica, visando contribuir enquanto historiador do presente para a criação de uma democracia social, política e econômica, regida pela democracia racial.

No rio Parnaíba as cinzas de Clóvis Moura foram jogadas logo após seu falecimento aos 78 anos de idade, em 24 de dezembro de 2003, na cidade de São Paulo. Estava doente fazia algum tempo e acabara de receber a última homenagem em vida, com a publicação de depoimentos sobre sua vida e obra, organizada por Luiz Sávio de Almeida. O acontecimento foi notícia nos dois maiores jornais da capital paulista, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de São Paulo*<sup>6</sup> mas atendendo à sua disposição, não houve velório de corpo presente, e entre os amigos, compareceram para a despedida João Pedro Stedile do MST, o professor Kabengele Munanga da USP e o jornalista e militante do movimento negro José Carlos Ruy. O poeta de Amarante retornou dessa maneira às origens nordestinas, sua identidade mais profunda, após um périplo ancorado durante décadas no estado de São Paulo.

Multifacetado e polivalente, foi versátil escritor de diversos gêneros, da poesia à crônica, do noticiário de jornal aos incontáveis artigos sobre temas variados publicados em revistas acadêmicas, literárias e da chamada grande imprensa. A abundância e a riqueza dos testemunhos dessa trajetória invalidaram desde o início desta pesquisa a tese de que teria sido um marginal em relação ao mundo acadêmico. Sociabilidades e trocas intelectuais importantes, além de contatos institucionais fizeram de sua trajetória uma peculiar modalidade, a de intelectual que mesmo sem ter feito carreira na universidade, na qual

---

<sup>6</sup> Morre o historiador Clóvis Moura. *O Estado de S.Paulo*, 24 dez.2003; Morre em São Paulo o historiador Clóvis Moura, *Folha de São Paulo*, 24 dez.2003.

jamais se inseriu profissionalmente, alcançou inserção referendada no meio. Sua obra foi produzida fora da academia, é bem verdade, porém não marginalizada pois encontrou receptividade e o reconhecimento do seu valor, especialmente a partir da década de 1980 - e de tal modo que se tornou incontornável nas referências bibliográficas de teses, dissertações, livros e artigos.

Dessa riqueza de uma vida complexa, resulta a complexidade de uma palavra definitiva sobre sua obra. Aproximações diversas têm sido feitas e no entanto, dimensões inesperadas sempre aparecem e “sobram” nos relatos em que até hoje se pretendeu dar conta de sua biografia. Decorre que a narrativa linear, de difícil adoção em qualquer biografia, neste artigo foi definitivamente abandonada para privilegiar temas que conectam vida e obra, ou seja, os campos intelectual e político articulados com sua produção. Impossível deixar de atribuir à dimensão política o papel de centralidade em seus escritos, mesmo que tenham assumido posições mutantes e de difícil deslindamento.

Um breve balanço do conjunto de sua obra histórica e sociológica traz de início o selo de “historiador dos quilombos”, que tanto a Historiografia quanto o movimento negro consagraram. Decorre da frequência do tema em sua obra, que resultou em julgamento cristalizado de que teria revolucionado a Historiografia nos estudos sobre o negro no Brasil. Sem a pretensão de efetuar aqui um tribunal historiográfico, é preciso abordar o lugar ocupado por Moura na Historiografia sobre a escravidão e sobre o negro no Brasil, pois são temas distintos e foram assim tratados por ele, embora com a mesma matriz comum, a persistência do escravismo estrutural multissecular e seus efeitos na continuidade da sociedade brasileira pós-abolição.

## Referências

- ALMEIDA, Luiz Sávio de (org.). *O negro no Brasil: estudos em homenagem a Clóvis Moura*. Maceió: EDUFAL, 2003.
- BRANDÃO, Darwin; MOTA; SILVA. *Cidade de Salvador*. Caminho do encantamento. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1958. Prefácio de Jorge Amado.
- MALATIAN, Teresa. *Clóvis Moura: uma biografia*. Teresina: Editora UESPI, 2022.
- OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. *Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra*. Niterói, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Direito da Universidade Federal Fluminense, 2009.
- O MOMENTO, *Jornal*. Salvador, 1951.
- SOUZA, Gustavo Orsolon de. Entre traças e poeira: Clóvis Moura e um breve estudo de sua biblioteca particular. *Revista Ars Histórica*, n. 10, jan./jul. 2015, p. 100-117.